

**Visões da Idade Média: análise da representação da Europa medieval
nos livros didáticos**

Douglas Mota Xavier de Lima*

Resumo

O artigo apresenta resultados parciais de pesquisa em curso sobre o conteúdo de História referente à Idade Média em livros didáticos do ensino fundamental de 1980 a 2000.

Palavras-chave: livro didático – Idade Média – ensino de História

Résumé

L'article présente des résultats partiels de la recherche en marche du contenu de l'Histoire au regard du Moyen Âge dans les livres didactiques d'Enseignement primaire et secondaire dans la période 1980-2000.

Mots-clef: livre didactique - Moyen Âge – L'Enseignement de l'Histoire.

Trata-se aqui de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo principal, perceber o conteúdo de História do ensino fundamental referente à Idade Média em livros didáticos em diferentes períodos. Na medida em que o livro didático é um objeto cultural dotado de historicidade própria, cabe fazermos sua análise. Não tenho o objetivo de propor, nem acredito ser possível, um livro didático ideal. Mas isso não nos impossibilita de colocar o questionamento sobre a relação ensino escolar e o ensino acadêmico. Assim o que será apresentado são eixos gerais e polêmicos que permearam os livros analisados.¹

Sociedade medieval e sociedade feudal

Tal questão envolve todos os livros. Para José J. Arruda o sistema feudal teve início no século V, mas firma-se entre o IX e XII, onde sofre transformações e começa a entrar em crise. Para Carlos G. Mota e Adriana Lopez, o feudalismo é por excelência uma “época de mundos fechados”. Na coleção de Sérgio Buarque o período se afirma entre os séculos IX e XII sob as

* Graduando em História da Universidade Federal Fluminense.

¹ Foram: ARRUDA, 1995; MOTA; LOPES, 1995; ALFREDO JÚNIOR, 2004; BUARQUE, 1974.

estruturas de organização germânicas. Já Alfredo Júnior é quem melhor problematiza o conceito de feudalismo e quem mais associa a noção de feudalismo à de sociedade medieval.

A noção, criticada a décadas, de que o feudalismo e a idade média não devem ser vistos como “idade das trevas” permanece muito presente através do consenso, implícito ou não, de que o período é marcado pela perda da noção de Estado; pela ruralização da vida, entre outros, em contraste com a crise feudal vista como o caminho da modernidade, marcada pelo ascenso da burguesia, pelo pré-capitalismo e pela libertação do homem medieval. Temos a partir daí outros dois pontos polêmicos que são: a economia e a mobilidade. Os autores afirmam que o comércio irá praticamente acabar, a partir do contexto de instabilidade vivido pela Europa desde a queda de Roma, havendo assim espaço somente para a auto-suficiência. Arruda afirma que não há interesse, por parte dos camponeses, de aumentar a produção rural e artesanal; reafirma-se assim a lógica de um período fechado, em vias de reflorescer. A questão da mobilidade dos homens medievais, em especial os camponeses, é complexa. Estes são tratados como indivíduos presos a terra, que apesar de não serem escravos, não tem direito à liberdade. Essa imagem diverge de diversos estudos que mostram o homem medieval como um ser em constante deslocamento.

Idade Média e a história da Europa

Ao analisar os respectivos livros didáticos, vemos os dois conceitos-chave da história, tempo e espaço, pouco problematizados.

Em relação à temporalidade percebe-se uma manutenção dos marcos tradicionais, com o ano de 476 figurando como início e 1453, como final do período medieval. Em Arruda temos, pela divisão estrutural do livro, uma abordagem do tempo quase teleológica, onde a Idade Média passa da fragmentação completa de Roma e da integração da cultura bárbara com a romana, para a ambigüidade do sistema feudal e do surgimento do capitalismo, dando espaço para o nascimento do mundo moderno, do capital. A permanência de uma abordagem anacrônica prejudica uma ampliação da inteligibilidade da sociedade medieval em sua diversidade e complexidade.

O espaço também é um conceito trabalhado com problemas, principalmente, porque ainda há uma grande dificuldade de dissociação entre Idade Média e história européia. A França permanece sendo o centro da análise, seja pelo papel do Império Carolíngio e da relação deste com a Igreja, seja como nos coloca Sérgio Buarque, por ser tratada como local da formação do feudalismo.

As modificações nos livros didáticos

Os livros analisados foram produzidos em décadas diferentes e refletem a concepção de história e o contexto político educacional de cada momento. A coleção de Sérgio Buarque reflete a importância do conhecimento universal, e o livro apresenta-se como um grande manual de síntese. Nos livros da década de 90, percebemos os conteúdos mais sistematizados, em unidades ou capítulos estanques e rígidos, trazendo, principalmente com Arruda, os conteúdos de forma narrativa. Irei analisar demais questões a partir do livro de Alfredo Júnior.

Nas últimas décadas houve transformações na estrutura do ensino, representadas no PNLD e nos PCN's. Como ressalta o PNLD 2008, estamos num momento em que a educação brasileira passa por uma mudança significativa, representada pela ampliação do Ensino Fundamental para nove anos. Os PCN's por sua vez trazem a questão da cidadania de forma muito incisiva. Essas significativas transformações refletem nos livros didáticos e podemos perceber em Alfredo Júnior a preocupação com um aluno crítico, que saiba trabalhar com informações diferentes, relacionando questões do passado e do presente.

Assim, temos gradativamente certas questões passando por transformações, como uma inserção mais crítica dos conteúdos de Idade Média em relação aos povos não europeus, e dos conceitos – feudalismo, vassalagem, entre outros –; em consequência de iniciativas que podem ser encontradas nos PCN's e no PNLD.

Por que estudar Idade Média?

Essa é uma questão polêmica e que se amplia quando constatamos que nos livros didáticos permanece uma lógica eurocêntrica da História e da sociedade medieval. O porquê se recoloca e afirma-se nessa perspectiva um por que estudar Idade Média no Brasil? O PCN propõe como um dos objetivos do Ensino Fundamental a constituição da identidade nacional e a pertinência ao País. Tal objetivo dando-se no resgate da história dos povos africanos e indígenas pode ser muito frutífero, mas por diversas questões, no que se refere à história dos povos antigos, do medievo ou dos povos orientais, tal orientação pode trazer problemas.

O livro didático permanece sendo visto como depositário do conhecimento histórico com patamar de Verdade, caracterizado por textos que reproduzem as informações históricas, as quais por sua vez serão repetidas pelo professor e pelo aluno. O uso do livro didático e o grau de dependência dos professores em relação a este objeto associam-se geralmente à sua formação e às condições de trabalho, sobretudo à quantidade de escolas e horas de aulas semanais. A partir disto

temos os períodos citados anteriormente sob forte risco, pois estamos num contexto marcado tanto por problemas na formação didático-pedagógica dos professores quanto no desenvolvimento da lógica produtivista do conhecimento acadêmico. Assim, o despreparo do professor resultante de cursos sem qualificação adequada, e as condições de trabalho nas escolas muitas vezes favorecem uma cultura mercantilizada que transforma cada vez mais a escola em um mercado lucrativo para a indústria cultural, o que podemos perceber através das generalizações, equívocos e no distanciamento freqüente entre o ensino acadêmico e o ensino escolar nos conteúdos referentes à Idade Média.

Sônia Nikitiuk afirma (2007:8): “só ensina História quem ousa descortinar horizontes”. Ensinar História atualmente não é uma tarefa simples, e cabe aos profissionais de ensino refletir sobre as finalidades do ensino de História e seu papel na formação das atuais gerações. Fazendo isso, pela defesa seja da Idade Média, seja das sociedades antigas, dos povos orientais entre outros diversos objetos históricos como tão importantes para a formação do indivíduo – e de sua identidade – como um ser crítico e atuante como agente da história, quanto o estudo de História do Brasil, ou da contemporaneidade.

Conclusão

Uma pesquisa sobre a produção didática da História contribui para um aprofundamento sobre a concepção de livro didático e seu papel na vida escolar. Assim, o presente trabalho buscou colocar como objeto de pesquisa, o conteúdo referente à Idade Média e como o mesmo tem sido abordado nos manuais escolares.

Os conteúdos de Idade Média permanecem envolvidos sob as tradicionais abordagens, seja pelo discurso positivista, seja pela manutenção de uma abordagem espaço/tempo que coloca a França como centro e objeto de análise da sociedade medieval, buscando encontrar nesse período argumentos lineares para a afirmação do capitalismo e para a formação das nações européias. Portanto, torna-se necessário tanto na relação ensino escolar/ensino acadêmico quanto em cada uma dessas partes, a defesa de uma outra Idade Média que coloque suas especificidades e possibilite o conhecimento desse período ser inteligível a nossa sociedade. Trata-se então da defesa de concepção epistemológica de uma História não voltada para o utilitarismo, mas que coloque o ser humano em sociedade em diversos espaços e tempos como objeto de pesquisa de todas as ciências sociais.

Referências Bibliográficas

- ARRUDA, José Jobson. História integrada: da Idade Média ao nascimento do mundo moderno. SP. Ática, 1995.
- BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de história: fundamentos e métodos. SP, Cortez, 2004.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. História da civilização. SP, Cia Editorial Nacional, 1974.
- JÚNIOR, Alfredo Boulos. História, Sociedade & cidadania. SP, FTD, 2004.
- MOTA, Carlos Guilherme & LOPEZ, Adriana. SP, Ática, 1995.
- NIKITIUK, Sônia M. Leite (org). Repensando o ensino de história. SP, Cortez, 2007.
- Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.